

A inclinação de Eça de Queirós para o loiro

(elementos britânicos em *Singularidades de uma Rapariga Loura*,
O Mandarim e *A Relíquia*)

Américo Guerreiro de Sousa

A simbologia e a imagística das cores não passou inteiramente despercebida aos estudiosos de Eça de Queirós.¹ É tema literário e psicanalítico que, além do seu interesse pictório, nos ilumina, tantas vezes, o significado, mais ou menos oculto, das pulsões e obsessões de poetas e ficcionistas, como de forma magistral nos mostra Gaston Bachelard em várias obras, desde a *Psychanalyse du Feu* até *La Terre et les Rêveries du Repos*.

Uma das idiossincrasias de Eça é o seu fascínio pelo loiro e o branco. Eça usa a polaridade loiro/moreno com intenções principalmente visuais e estilísticas, mas essa oposição, já presente n' *O Mistério da Estrada de Sintra*, acaba por ter implicações britânicas, dada a incidência do loiro inglês na sua ficção, onde abundam mulheres com cabelo loiro, olhos azuis e pele muito branca.² Essa tendência queirosiana não escapou a Fialho de Almeida que a criticou comparando-a à "fascinação física do preto pelos prestígios glaciais da raça loira"³, uma frase que ecoa a de Fradique Mendes ao definir a paixão de Mendibal pela esposa "um fanatismo de preto pela graça loura de uma parisiensezinha".⁴

¹ Maria Manuela Gouveia Delille, por exemplo, aborda o tópico na sua análise da influência de Heine nas *Notas Marginais*, onde detecta uma combinação significativa do branco, do vermelho e do preto. Ver *A Recepção Literária de H. Heine no Romantismo Português* (de 1841 a 1871), (Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984).

² Não teria sido sem bom motivo que, em 1886, Eça desposou D. Emilia de Castro Pamplona, a qual, segundo João Gaspar Simões, tinha "grandes olhos claros, maneiras altivas e bela cabeça loira". Simões, João Gaspar, *Vida e Obra de Eça de Queirós*, 3ª edição, p.516. As fotografias disponíveis não permitem, todavia, confirmar essa descrição.

³ Almeida, Fialho de. *Os Maias*. In *Pasquinadas*. 4.ed. (Porto: s.d.), p.278.

⁴ *A Correspondência de Fradique Mendes*. (org.) Helena Cidade Moura. (Lisboa, "Livros do Brasil", s/d), p.147.

Analisaremos aqui brevemente o interesse de Eça pelo loiro e suas tentações em *Singularidades de uma Rapariga Loura* (do loiro ao oiro), *O Mandarin* (do oiro ao loiro) e *A Relíquia* (do loiro ao amor). A mulher loira será assim o elemento unificador duma tríade de ilusões: a sensualidade, a cobiça e aquilo que conecta uma e outra, a paixão. Sobre todas elas a genial ironia de Eça de Queirós.

1. Singularidades de uma Rapariga Loura

(do loiro ao oiro)

Em *Singularidades de uma Rapariga Loura*⁹, a personagem central, Luísa, é explicitamente associada à Inglaterra. Ela é “loura como uma vinheta inglesa” (p.12) e, na opinião de Macário, “filha de um inglês” (p.14). O que leva o apaixonado Macário a conjecturar sobre a ascendência britânica de Luísa é o seu cabelo loiro, contraposto ao cabelo preto da mãe, e o esplêndido leque da moça, marca distintiva de exotismo e luxo:

Era um leque magnífico e naquele tempo inesperado nas mãos plebéias de uma rapariga vestida de cassa. Mas como ela era loura e a mãe tão meridional, Macário, com esta intuição interpretativa dos namorados, disse à sua curiosidade: “Será filha de um inglês.” O inglês vai à China, à Pérsia, a Ormuz, à Austrália e vem cheio daquelas jóias dos luxos exóticos (p.14).

⁹ In *Contos*, Helena Cidade Moura (org.), (Lisboa, “Livros do Brasil”, s/d), p.7-34. Helena Cidade Moura conservou a ortografia original, saída efectivamente por Eça, da palavra “loura” (em vez de loira).

E eis como um conto ou curta novela com acção, ambiente e personagens portugueses (trata-se da primeira incursão realista de Eça) adquire o vasto horizonte cosmopolita queirosiano, onde o elemento inglês assume inegável importância. O leque de Luísa representa viagens, aventura, cosmopolitismo e um nível social distinto. Dotada de atractivos vários (loira, filha de inglês, dona de um rico leque com conotações de terras longínquas e luxo) a moça ocupará então um lugar primordial no coração de Macário, um modesto guarda-livros de ambições limitadas, mas enorme perseverança. Para que Luísa o aceite, ele terá de viajar, e não apenas uma, mas duas vezes. Assim era também nos velhos romances de cavalaria.

A passagem acima citada fornece o típico modelo queirosiano de introdução a uma história amorosa prometedora: uma mulher loira; um elemento escuro fazendo ressaltar a radiância do objecto de fascínio (no caso de *Singularidades de uma Rapariga Loura* a assunção de que "meridional", justaposto a loiro, é sinónimo de "morena", e a indução de que "loura" se relaciona com a descendência supostamente inglesa da rapariga); e um sinal de distinção – em *Singularidades* o magnífico leque, em outras obras um perfume, roupas de luxo, um criado, um pajem etc...

Os traços físicos de Luísa correspondem à noção portuguesa usual do tipo inglês (hoje um pouco dissipado): além de cabelo loiro e pele muito branca, Luísa tem também olhos azuis: "E a loura ergueu para ele o seu olhar azul e foi como se Macário se sentisse envolvido na doçura de um céu" (p.14). O carácter e o temperamento da jovem são definidos mediante um símile notável que liga o físico ao moral: "Tinha o carácter louro como o cabelo – se é certo que o louro é uma cor fraca e desbotada" (p.25-26); e possuía uma "passiva e loura doçura" (p.26). Após insistência na ligação loiro-carácter fraco, ao qual o azul do olhar acrescenta uma aparência angélica ou celestial reforçada pela palavra "doçura", o título da novela adquire um significado evidente: loiro e carácter débil são aqui sinónimos. E *Singularidades* termina com a reiteração do azul e do loiro, após a cena na joalharia – situada, coincidentemente, na rua do Ouro – onde um anel de ouro com dois diamantes acabara de ser roubado pela "rapariga loura".

Nem tudo o que brilha é ouro, parece ser a mensagem irônica desta história de uma loira aparentemente celestial, filha de um suposto inglês e incapaz de resistir à tentação do ouro.

2. O Mandarim

(do ouro ao louro)

O oposto de *Singularidades de uma Rapariga Loura* ocorre em *O Mandarim*.⁶ Aqui o ouro proveniente do céu (ou do inferno, o que vem a dar o mesmo no sentido de ilusão) fornece a Teodoro a oportunidade de se entregar aos prazeres da mulher loira.

A simbologia do loiro, ligado a ouro, e do negro, ligado a conhecimento, é muito clara nesta extraordinária narrativa de ilusão e consciência, na qual um velho tema anteriormente tratado por vários escritores⁷ se torna, na pena de Eça, uma obra-prima das duas grandes tentações humanas: a sede do dinheiro e do conhecimento – *O Mouro de Veneza e Fausto* visto pela ironia e venalidade meridionais, sobretudo lusas:

Mas elas possuem melhor, Teodoro: são os cabelos cor do ouro ou cor da treva, tendo assim nas suas tranças a aparência emblemática das duas grandes tentações humanas – a fome do metal precioso e o conhecimento do absoluto transcendente (p.32).

⁶ *O Mandarim*, Helena Cidade Moura (org.), (Lisboa, "Livros do Brasil", s/d). As indicações de página referem-se a esta edição.

⁷ Ver sobre este assunto Martins, António Coimbra, "O Mandarim Assassinado", em *Ensaio Queirosianos* (Mem Martins, Publicações Europa-América, 1967.), p.11-266.

Embora as mulheres loiras d' *O Mandarin* não sejam inglesas, podem associar-se à "mania do loiro" de Eça, visível em quase todas as suas obras. Para os braços de uma loira corre Teodoro, depois de se precipitar para um banco inglês, a fim de levantar o seu dinheiro: "chamava-se Cândida; era pequenina, era loura" (p.56). E, tal como *Singularidades de uma Rapariga Loura*, a supostamente angelical loira do título acaba por revelar-se mentirosa e ladra, mergulhando Teodoro numa atitude cínica para com a existência:

Descri para sempre dos anjos louros, que conservam no olhar azul o reflexo dos céus atraressados; de clima do meu ouro deixei cair sobre a inocência, o Pudor, e outras idealizações funestas, a ácida gargalhada de Mefistófeles; e organizei friamente uma existência animal, grandiosa e cínica (p.57).

Esta descrença não impede Teodoro de se apaixonar a seguir por outra loira, após retemperar os nervos e o coração com "bife à inglesa", servido "em Sèvres azul e ouro" (p.57).

O segundo objecto da fixação amorosa de Teodoro é uma mulher casada, a esposa do general Camiloff. Era "alta e loura; tinha os olhos verdes das sereias de Homero" (p.81), e pensava que Portugal era "o país da canção de Mignon. É lá que floresce a laranjeira" (p.99). O gordo Meriskoff, um doutor alemão da Universidade de Bonn, bem tenta dissuadir a doce mulher dessa crença, informando-a de que "a terra privilegiada onde a laranjeira dá flor" é a Itália (p.99). Mas a seca verdade acadêmica é inaceitável a corações tão romanescos como o da Mimi, que insiste com um suspiro de paixão murmurado ao ouvido de Teodoro:

Ai quem me dera viver nesses países apaixonados, onde verdejam os laranjais! (p.100).

Esta sensualidade e este humor tão queirosianos (e tão portugueses) pouco têm a ver com a França ou os escritores franceses, que também interpretaram a seu modo a velha lenda do *Mandarin*, uma palavra que, segundo o livro, deriva do nosso verbo mandar: “Vem do seu verbo... do seu lindo verbo “mandar”(p.83).⁸

O loiro do cabelo de Vladimira, brilhando sobre o colarinho do seu vestido branco de leite, conduziu Teodoro aos braços da bela russa num padrão óbvio de loiro e alvo associado a áureo luxo.

3. A Relíquia

(do loiro ao amor)

N'A *Relíquia*⁹ encontramos nada menos do que quatro mulheres inglesas a despertarem a sensualidade de Teodorico: “a inglesa do senhor barão”; Miss Mary; Cíbele e sua filha Miss Ruby. Todas elas, exceptuando Cíbele, são loiras; e todas elas, Cíbele incluída, são “alvas”. Ademais, a primeira paixão de Teodorico – a esposa inglesa do barão, que Teodorico cobiçou com a precocidade de sete anos – deixou marcas na sua concupiscência. Eis como Eça descreve o primeiro encontro de Teodorico – em termos de sensualidade e picaresco um digno descendente do seu quase homônimo Teodoro d'O *Mandarin* – com o objeto da sua futura obsessão:

⁸ Para Cândido de Figueiredo, *Mandarin* deriva do Hindu mantri: Novo Dicionário da Língua Portuguesa, 5ªed., 2 vols. (Lisboa, Livraria Bertrand, s/d), vol.2, p.271.

⁹ A *Relíquia*, Helena Cidade Moura (org.), (Lisboa, “Livros do Brasil”, s/d). As indicações de página referem-se a esta edição.

Quando recolhíamos ao quarto (...) passou por nós (...) uma senhora grande e branca, com um rumor forte de sedas claras, espalhando um aroma de almíscar. Era a inglesa do senhor barão (...) Nunca roçara corpo tão belo, de um perfume tão penetrante (...) com um rumor de sedas claras (p. 14-15). (Itálico nosso).

Tal como em *Singularidades de uma Rapariga Loura*, não faltam, n' *A Relíquia*, o branco, o elemento luxuoso (neste caso as "sedas claras", repetido no curto espaço de quatro linhas) e o perfume (também reiterado). Encontraremos o mesmo padrão poucas páginas a seguir:

Ao descer o Chiado, eu parava numa loja de estampas, diante do lânguido quadro de uma mulher loura, com os peitos nus... A claridade daquela nudez fazia-me pensar na inglesa do senhor barão; e esse aroma, que tanto me perturbara no corredor da estalagem, respirava-o outra vez, finamente espalhado, na rua cheia de sol, pelas sedas das senhoras... (p.19). (Itálico nosso).

O objecto desta descrição, na qual elementos idênticos aos que rodeavam a esposa do barão (cabelo loiro, perfume, sedas) são vividamente evocados, não é uma mulher mas tão-só uma pintura! Isto mostra a obsessão de Teodorico pela senhora (tinha agora nove anos, mais dois do que na ocasião do seu primeiro encontro com a loira tentação).

Confirmando a inclinação de Teodorico para com a beleza inglesa, há ainda Miss Mary. Uma prostituta discreta que lê o "Times", ela tem os mesmos atributos físicos da mulher do barão:

Entrei, comovido (...) ela estava lendo o "Times", com um gato branco no colo. O que me prendeu

logo foram os olhos azul-claros (...) celestes, como eu nunca vira na morena Lisboa. Mas encanto maior tinham os seus cabelos (...) como uma carapinha de ouro (...) sua face gordinha, de uma brancura de leite ... (p. 74-75). (Itálico nosso).

Mais uma vez o branco ("gato branco", "brancura de leite"), o azul ("os olhos azul-claros") com as suas associações celestes usuais, e o cabelo loiro. A qualidade celestial dos olhos de Miss Mary e a referência contrastante à "morena Lisboa" são remissivas da loira Luísa de *Singularidades de uma Rapariga Loura* e da sua mãe morena.

Miss Mary era de York, "esse heróico condado da velha Inglaterra, onde as mulheres crescem fortes e bem desabrochadas, como as rosas dos seus jardins reais" (p.74). A rosa *branca* é o símbolo de Yorkshire, tal como a rosa vermelha o é de Lancashire. Mera coincidência, talvez, mas mostra-nos como Eça está bem por detrás do narrador. A passagem acima citada é uma óbvia interferência autoral numa narrativa contada na primeira pessoa (autodiegética). Teodorico pouco podia saber das mulheres de York, para já não falar do condado de Yorkshire e de suas rosas e jardins, uma vez que jamais esteve na Inglaterra. Eça está aqui patenteando o seu próprio conhecimento do assunto e revelando uma vez mais a sua admiração pelas mulheres alvas e loiras da Isoira Albion, pelo menos as dessa parte setentrional da Inglaterra onde se situa a Newcastle do seu primeiro consulado britânico. Se são apenas a nacionalidade e os atributos físicos de Mary que a ligam à "inglesa do senhor barão", Cíbele, também natural "da terra da Maricocas" (p.92), ou seja, inglesa, lembrava a Teodorico a paixão da sua infância sensualmente precoce:

Por um "yes" que ela murmurou, compreendi que era da terra da Maricocas. E lembrava-me a inglesa do senhor barão (p.92).

Esta comparação pode surpreender, porque os traços físicos de Cíbele diferem do padrão usual das mulheres inglesas. Ela tem

sardas e cabelo castanho (p.92). Contudo Cíbele é também “branca, da alvura do linho muito lavado” (p.92), e tem “claro e suave olhar” (p.92). Além disso, tal como a baronesa, é alta e perfumada, o perfume almiscarado da primeira sendo substituído pelo odor mais modesto do “sabão *Windsor* e da água-de-colônia” (p.92). São, portanto, a nacionalidade inglesa, a alvura, a estatura e a língua comum a todas estas mulheres que as conectam na memória sensual de Teodorico.

Associadas ao tipo nórdico, embora não necessariamente loiro, são a brancura e a suavidade de pele de uma larga percentagem dos objectos da sensualidade de Teodorico. Os braços de Vicência são “brancos como leite” (p.21) e os de Adélia “tão brancos e macios, que entre eles a morte deveria ser deleitosa” (p.28). Essa mesma Adélia é “lânguida e branca” (p.33), apesar de ter cabelo preto (p.39). Finalmente, e para resumir a ambivalência sensual de Teodorico e o seu fraco pela beleza alva e o luxo do oiro, eis como, na sua qualidade de narrador deste ambíguo romance, ele descreve um homem:

era magnificamente belo (...) pescoço macio e branco como um mármore coríntio (...) na faixa negra, o punho de ouro de uma espada (p.139).

Nem os homens escapavam à insaciável sensualidade de Teodorico, desde que no seu corpo alvejassem o branco, realçado pelo negro, e brilhasse o oiro.

*

* *

O pendor queirosiano para as atracções físicas do tipo inglês e loiro deve ser colocado na sua devida perspectiva. Nem *Singularidades de uma Rapariga Loura*, nem *O Mandarin*, nem *A Relíquia* tratam da Inglaterra, suas iniquidades e seus encantos. Embora Eca tenha usado a frase “pérfida Albion” ao menos uma vez (em *Uma Campanha Alegre*), e a despeito de a Inglaterra ser

vista tradicionalmente como uma entidade loira (“loira e páfida Álbion” é o *clichê*), seria excessivo ver nos caracteres fracos e falsos das mulheres loiras daquelas narrativas um paralelismo insidioso e simbólico com o país donde a maioria delas deriva ou a ele está associada. Essas obras tratam de, entre outros temas, mulheres, sensualidade, cupidez, sensibilidade romântica etc... Acontece apenas que o tipo loiro é prevalente, e que Eça o opõe sistematicamente ao tipo meridional – moreno de cabelo preto, uma idiosincrasia realmente anglomântica. A única conclusão legítima a tirar desta incidência das mulheres loiras e inglesas na obra de Eça de Queirós é a sua tendência para um modelo físico associado à Inglaterra. Além da conclusão óbvia de que há n’A *Relíquia* mais inglesas do que seria de esperar, e de que isto fornece evidência quanto à loiromania e à anglomania de Eça, não é curial extrair desse belo romance (ou de qualquer das obras analisadas neste breve estudo) outras implicações atinentes ao tema da Inglaterra em Eça de Queirós, embora seja grande a tentação de especular sobre a hipocrisia de Mary, por exemplo, visto a hipocrisia ser um defeito de que Eça acusava aquele país.